ANO 11.º — Sexta-feira, 3 de Maio de 1918 — Numero 522

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. Nacional, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redação e Administração, Rua Direita, n.º 54

O ACTO ELEITORAL

Presidente da Republica---Dr. Sidonio Paes

Com o voto exclusivo dos republicanos amigos e monarquicos acaba de ascender ao alto cargo de magistrado supremo da Nação, o chefe das forças revolucionarias que no Parque Eduardo VII derrubaram, a tiro de canhão, o govêrno democratico, mudando por completo a face ao existente desde 5 de Outubro de 1910, como o demonstram os factos ocorridos nos ultimos cinco mêses e de que são próva as inovações introduzidas na politica do país desde essa data.

Nada temos que opôr nem queremos. Sincéramente devotados ao engrandecimento da Patria pela Republica, hoje, como ontem, como sempre, essa unica aspiração manifestamos, almejando pelo dia em que a paz entre a familia portuguêsa se consolide e aos republicanos de convicções e de caracter seja licito manterem a sua fé com galhardia, pugnando pela moralidade na administração, pela ordem, pelo progresso, pelos sãos principios da Democracia, enfim.

Que estes dois gritos unisonos, estridentes, saídos de todos os corações, se façam ecoar de serra em serra, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia:

Abaixo a anarquia!
Viva a Republica!

As eleições

Para nós, a sua feição mais agradavel, foi a tranquilidade como decorreram.

Nada ganhariamos com a desordem, que não aproveitaria a ninguem—nem aos eleitores nem aos abstencionistas.

E dizemos assim porque, os partidos republicanos, entre nós, nomearam comissões fiscalisadoras do acto, embora tivessem antes declarado que esse mesmo acto lhes não merecia a menor importancia, tendo para eles o mais insignificante valor.

Ainda que se não comprenda tal doutrina—fiscalisar o que não nos importa e o que declarámos não reconhecer—a presença dos representantes desses partidos, como fiscaes nas assembleias, poderia originar conflitos que, felizmente, se não deram em proveito de todos e assim foi bom.

Em muitas assembleias deste distrito e em muitos outros, só nos dias seguintes poderam dar-se por findos os trabalhos eleitoraes, devido ao aumento do numero de eleitores, por um lado, e tambem á variedade de listas e respectivos trabalhos inerentes. Assim, á hora que escrevemos, é impossivel citar numeros precisos de votos e resultados definitivos em muitas partes.

Calcula-se, contudo, em 500:000 o numero de sufragios que obterá a eleição do presidente, e, com poucas modificações, está garantida a ida ao Parlamento de todos os amigos do govêrno—republicanos e monarquicos—que foram submetidos á sanção eleitoral.

O resultado da consulta feita, porêm, vêmo-lo apreciado sob diversas maneiras, conforme a paixão de quantos a analisam.

A propria diminuição de votos tambem é apreciada de diferentes maneiras e vemos afirmar que ela teve várias razões, como: demonstração do crescente indiferentismo de muita gente pela vida politica—resultado logico da abstenção mantida pelos partidos republicanos e ainda o fundo receio de gráves conflitos, perigosos para os eleitores, que se poderiam desenrolar, como correra com insistencia de norte a sul do país.

Como quer que fôsse, em muita parte a abstenção foi grande — especialmente em Lisboa e Porto—sendo certo que em muitos outros distritos a votação representou 50 p. c. do eleitorado.

Neste concelho, por exemplo, sucedeu isso, pois sobre 4:831 recenseados votaram 2:481 eleitores.

E, por mais que cada um aprecie sob o aspecto que mais lhe convenha, o ocorrido, o que é certo é que está escrita uma das mais importantes paginas da nossa historia politica contemporanea.

A abstenção, com que nunca concordámos, foi um erro, erro que o tempo justificará, como dentro em bréve se ha-de vêr.

Pódem gritar uns — *o fracasso do presidencialismo*, afirmar outros — *o isolamento dos sidonistas;* ainda outros — *o triunfo dos partidos abstencionistas*, mas nada disso, de facto, influe na marcha logica e fatal dos acontecimentos.

A abstenção não evitou a realisação do acto eleitoral—absolutamente dentro do plano e condições previstas e anunciadas pelo govêrno; os comentarios, as criticas feitas ao sabor e opinião de quem as formula não altera nem modifica tambem nada, absolutamente nada, do que passa e continúa.

E depois?

Depois começarão a sobrevir, a acumular-se as próvas iniludiveis do erro cometido.

A primeira já aí a teem, no resultado do acto eleitoral.

Agora discuti-lo . . . como unica, embora triste, consolação. . .

Films...

Aturem-nos

Segundo a opinião duma gazeta monarquico-católica—*Afonso Costa, Antonio José de Almeida e Brito Camacho são apenas nulidades, que nenhum país toleraria na administração das coisas públicas.*

Muito exigentes são certos burros.

Ainda bem

Um telegramma de Roma transmitido pela agencia *Radio* e publicado nos jornais do dia 28 do mez findo trouxe a novidade de que a *Idea Nazionale* anuncia estar iminente o restamento das relações diplomaticas entre Portugal e a Santa Sé, acrescentando que o sr. Presidente da Republica muito tem sido auxiliado nessa tarefa pelo sr. Feliciano da Costa, ministro do trabalho.

Ainda bem, para salvação das almas...

Confrontos

Ha dias, no Centro Nacional Republicano de Lisboa, um orador, pondo em confronto os nomes de Barbosa de Magalhães, Almeida Ribeiro e outros, que fizeram parte do ultimo gabinête democratico, comparou-os com os que formam o atual ministério e fez a pergunta á assembleia se deveriam merecer a confiança dos republicanos, eles que filiados estiveram em partidos monarquicos e combateram a Republica até 5 de Outubro, só lhe dando a sua adesão *entusiastica* quando a viram triunfante.

Não sabemos qual tenha sido a resposta obtida. No entanto será bom acentuar que pelo menos *denodado republicano* chama o orgão evolucionista *Republica* ao primeiro dos *estadistas* citados.

Por onde se conclue que mais vale cair em graça do que ser engraçado...

Ainda bem

Os resultados das eleições são uma estrondosa vitoria republicana—confessa muito espontaneamente um jornal democratico abstencionista.

E nós concordâmos. Tão assinalado ficou o triunfo governamental sobre a lista dos candidatos retintamente monarquica.

Outra

....

As violencias de que a imprensa está sendo vitima, só teem semilhante na historia dos aureos tempos do miguelismo e dos Cabrais—diz-nos, com aquela convicção que foi sempre apanagio do famigerado orgão n.º 1 do sr. Barbosa de Magalhães em Aveiro, o messimissimo *jornalista* que antes do 5 de Outubro se esfalfava por mostrar publicamente os seus sentimentos monarquicos.

E' certo. Porque as que praticou o ultimo govêrno chefiado pelo snr. Afonso Costa e de que fazia parte o *ilustre homem publico*, essas não o atingiram a ele, que pertencia á concronha, que tinha a lampada acêsa em Méca... Só nós lhe sentimos as ferraduras e nós—quem ousa afirmar o contrario?—não sômos ninguem!

Farçantes!

Grandes ratões

O *Camaleão*, chorando hoje a censura, que ontem aplaudia para os outros—*que não são ninguem*—tem, de mistura, o arrojo de escrever estas linhas:

. . . Mutilado pela censura, como apareceu no sábado ultimo, multiplicou cem vezes a sua força, o seu prestigio e a tradição do seu nome. Intrausigente nos seus principios, não o trái por circunstancia nenhuma atravez de quantas dificuldades lhe oponham.

O numero que sofreu o córte implacavel é um numero historico, etc., etc...

Realmente é, é.

Que *descaradissima* intransigencia tem sempre tido o inegualavel troca tintas!

Não ha duvida.

Quantos numeros historicos, cortados e não cortados, tem saído daquela montureira de consciencias, que nunca souberam o que seja dignidade nem coisa que com isso se pareça!

Mas lá audaciosos, são, ninguem o contesta.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Irradiados!

O *orgão do P. R. P. em Aveiro*, superiormente orientado e dirigido por aquele celebre juiz da irmandade do Santissimo de Esgueira, a quem o poder judicial obrigou a repôr no cofre respectivo uma avultada quantia que de lá havia sido distraída, deu ontem conta duma reunião efectuada no Centro Democratico da Rua do Caes, na qual a assembleia resolveu que, sob proposta da comissão municipal politica, fosse indicada ao Directorio a irradiação de vários cidadãos, e entre eles do director de *O Democrata*, Arnaldo Ribeiro —*por fazer propaganda contra o partido Democratico, etc.*

A impressão que a leitura das ultimas linhas nos causou, não a podemos descrever hoje, sendo, porêm, certo que não deixaremos de apreciar devidamente a sentença que nos condêna ao ostracismo, para maior lustre e gloria dos correligionarios de Barbosa de Magalhães, mas isso só quando o apetite nos voltar e os momentos de assombro tiverem desaparecido, restituindo-nos o ar que dá força, o calôr que vivifica, o sangue que estimula.

Irradiados!!!

Santissimo Sacramento! Mariano—como se acha afectada a nossa sensibilidade ante a noticia que circula, gira e conduz, dos mais distantes reconditos da terra, a decisão dos que, acamaradando com a tua moralidade e a moralidade dos *acerrimos democraticos* da Vera-Cruz, não hesitaram expôr-nos á *execração* publica!

Mas não faz mal. Mais sofreu Nosso Senhor Jesus Cristo e contudo, e contudo... ainda se fala nele...

Esperem-lhe pela volta.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Brito*.

Resultados eleitoraes

Nas freguezias do concelho de Aveiro

	Recenseados	Descargas
Gloria	853	354
Vera-Cruz	901	318
Esgueira	553	167
Oliveirinha	454	398
Aradas	513	400
Eirol-Eixo	433	240
Cacia	488	192
Povoa-Requeixo-Nariz	636	412
Total	4:831	2:481

Como se vê, os abstencionistas atingem o numero de 50 p. c., não se podendo dizer que todos sejam republicanos.

Mas alguns são-no, como o *silverio*, e esse, por exemplo, vale por... uma duzia...

A epidemia do tifo

Apesar da quadra que atravessâmos, primaveril de verdade, a epidemia não tem diminuido, especialmente no Porto, onde ainda na semana finda houve 399 casos, decrescendo apenas o numero de obitos.

A imprensa é unanime em pedir as indispensaveis providencias que a situação exige e que até hoje teem sido incompletas e inuteis, consumindo-se, contudo, avultadas quantias em tão improficuo combate.

Alem do pouco que se tem feito, existe um despreso, uma indiferença incompreensivel da parte daqueles a quem cabe o indeclinavel dever moral e profissional de olhar pelo que se passa e que é gràve, extraordinariamente gràve.

Com surprêsa lêmos na *Patria*, jornal portuense, a seguinte edificante passagem de um artigo sobre o assunto:

....

Informados de que no cemiterio de Agramonte existiam vários cadaveres de tifosos insepultos, ha muitos dias, procurámos informações absolutamente directas ou oficiosas, indo áquele cemiterio municipal onde trocámos ligeiras, mas precisas impressões com pessoa que melhor nos podia informar.

O facto era realmente verdadeiro!

Ha mais de dez dias que ali existe, sem o conveniente enterramento, grande quantidade de cadaveres de tifosos, em virtude de exigencias feitas ou escrupulos oficiais, das repartições do registo cívil.

O director do cemiterio, em face do enorme perigo para a saúde publica, tentou fazer a inhumação imediata dos cadaveres, mas a gente do registo ameaçou e protestou e os mortos ainda ha dias ali jaziam, decompondo-se ao ar livre, sob a torreira do sol, exalando, como é natural, um cheiro insuportavel e manifestamente perigoso para a regular higienação do local e das circumvisinhanças que são habitadas!

O que aí fica, com todo o caracter de autenticidade, é verdadeiramente inaudito! Que respondem a isto as autoridades sanitarias e administrativas?

* * *

Não foi, felizmente, confirmada a suspeição da epidemia, na mulher que ha dias recolheu ao hospital desta cidade, como noticiámos.

O soldado atacado entrou já em franca convalescença.

Uma vitima!

Tendo o govêrno resolvido enviar para Angola, juntamente com outros *cavalheiros* que infestavam Lisboa, um individuo de nome Manuel Joaquim Lopes, o *Mundo* não só começou a trata-lo por correligionario como ainda abriu a favor dele uma subscrição, apresentando-o na sua qualide de perseguido, apezar de ser um *honrado e prestante cidadão.*

Lá isso era. E tanto que outro diário se encarregou de o comprovar, indo extrair ao Posto Antropometrico, as seguintes notas:

Manuel Joaquim Lopes, o *Quim*, filho de Bernardo José Lopes ou de Antonio de Jesus e de Henriqueta da Conceição ou Adelaide da Conceição, do concelho de Elvas, idade 27 anos, estado solteiro, profissão funileiro, residencia Rua das Olarias, 7, 3.º.

Resumo do cadastro:

Datas e motivos das capturas: — Em 24-11-900, agressão, remetido ao 3.º juizo; em 26-9 901, agressão com faca a uma meretriz, ao 1.º juizo; em 19-11-901, entrado na cadeia á ordem do 1.º juizo a cumprir 5 mezes e 9 dias, por ferimentos; em 14 3 904, apedrejar a policia, ao 4.º distrito; em 2-5 904, ferimentos, ao 2.º distrito; em 27-1-907, desordem, ao 4.º distrito; em 19-8-907, desordem, ao 4.º distrito; em 1-12 911, desordem, ao 3.º distrito; em 27-4-912, insultos, ao 2.º distrito; em 30-1-914, mandados, ao 2.º distrito; em 11-11-914, agressão, ao 3.º distrito; em 3-6-915, resistencia, ao 2.º distrito; em 19-5-916, transgressão, ao 2.º distrito, em 5-11-916, burla, ao 2.º distrito; em 1-4-917, agressão, ao 1.º distrito; em 25 5 917, transgressão, ao 3.º distrito; em 26 9-917, entrada na cadeia á ordem da 1.ª Divisão, ficando á disposicão da mesma Divisão; em 1-2-918; preso por determinação do Govêrno e remetido para Angola. Vidé nota da secretaría da policia de investigação, recebida no posto em 19-2-918, sob o n.º 297.

Sport-Club

Comemorando o seu 1.º aniversário e instalação na nova casa, o *Sport-Club Aveirense* realisou ante-ontem brilhante festa, que decorreu entre vivo entusiasmo, flôres, musica e alegria, durando até á madrugada do dia seguinte o baile oferecido aos seus numerosos socios.

Agradecendo, penhorados, a gentileza do convite, fazemos votos pelas maximas prosperidades da florescente e recreativa agremiação.

COMPLEMENTO

Respondendo ás apreciações que *A Manhã*, inseriu ácêrca da sua renuncia á vida pública, eis como o brilhante jornalista republicano José Caldas se exprime em carta que o mesmo diário tornou conhecida pela sua edição de 26 de Abril:

Azurara, 22 de Abril de 1918.

. .Sr. Mayer Garção—Director de *A Manhã.*

Se não fosse o imperativo dever que me leva a agradecer, pela fórma mais categorica e mais significativa, a maneira superiormente honrosa com que v. aprecia no jornal que tão brilhantemente dirige o acto da minha renuncia á vida publica, eu não tomaria da pena para lhe escrever. E não o faria, em razão de que, entre dois espiritos, isto é, entre duas consciencias, colocadas pelas circunstancias em situações desmarcadamente opostas e irredutiveis, todo o proposito que vise a sustentarem-se de parte a parte ideias que as mesmas circunstancias tornaram incompativeis, afigura-se-me absolutamente, não só esteril, como inutil. E eu, posto que tenha pelo talento e pelas altas qualidades de v. a mais elevada consideração e professe pelos seus curtos, posto que já assinaládos serviços á causa republicana, o mais vivo respeito —pois que, em anos tão verdes, poucos, por certo, haverão feito mais — nem assim, depois de ter lido, com a atenção que v. me merece, a sua honradora carta, nem assim encontro motivos que me levem a reconsiderar no passo que dei. Não.

E assim, pois, colocados, a tão larga distancia mental, um do outro:—v. em todo o natural vigor das suas esperanças em melhores dias da Republica; e eu absolutamente descrente, não dos seus imortais principios, mas dos seus homens—que poderei dizer-lhe? Expôr-lhe longamente como, pouco depois do 5 de Outubro, no meu espirito se veem condensando as sombras do profundo desalento, da incomportavel mágua, da dôr enorme, que acabam de atingir agora a sua crise de natural eclosão, fazendo com que me retire para sempre ao meu quasi deserto lar—retiro de onde nunca devera ter saído e que sómente deixei quando, ha sete anos, na asa de um nobre equivoco, supuz que podia ser util á Republica — dizer-lhe isso, contar-lhe tudo isso, fazer a seus olhos a analise psicologica desse meu estado de então, pondo-o em confronto com aquele em que hoje me encontro —estado que representa o periodo final de uma intensa luta entre a esperança, o receio e a vergonha: luta entre a palavra dos homens da Propaganda, quando me falavam na alta prerogativa de selecção moral que havia de ser mantida pela Republica, palavras e promessas que tiveram a confirmação que se vê:—para que serviria isso?

Bem vê v.: eu não tenho o menor direito de desiludir ninguem; nem de ser o nuncio dos maus presagios, depois de, por mais de trinta anos, ter sido o ardente pregoeiro de dias melhores. Isso nunca. De resto, devo já agora dizer a v. que tenho uma menos que limitada, e menos que tenuissima confiança na sinceridade de muitos, que nesta hora, após os dias de Dezembro, se lançam atrás do carro do vencedor. Uns aclamam-no, no interesseiro proposito de o derribar na razão propria; outros já os vi e ouvi na trazeira de iguais triunfadores. São a ressaca da vasa. Quantos não vejo eu, nessa falange ginospoda, que depois de servirem com o rei que mataram e com o rei que fugiu, e enquanto esperavam que a Republica viesse, assistiam, de lugar seguro, ao espectaculo miserando que a monarquia lhes oferecia perseguindo-nos! Quantos! E' que a hora da colheita ainda não tinha chegado, e a ceára, regada pelos nossos sacrificios, ainda estava verde. Por quanto tempo servirão o seu atual senhor?

Alem disso, v. já deve saber que o meu desalento não vem de agora. Ainda a Republica vagia nas fachas infantis, lá duvidava do seu futuro. Os seus homens representativos produziram no meu espirito, ao toca-los de perto, a mesma impressão de desengano cruel que, na mente de Lutero, produziu a côrte de Leão X. Lembre-se v. do que foi o nosso primeiro Congresso Constituinte. Compare-o com o primeiro Congresso que a monarquia liberal nos deu. E' desolador. Ao passo que em 1820, o constitucionalismo idealista conseguia eleger a *élite* intelectual do país —19 lentes e professores, 17 doutores, 10 bachareis, 9 desembargadores, 8 magistrados, 8 generais, 14 sacerdotes, sete dos quais eram prelados—note v. a penuria das nossas Constituintes, em que aparecem sessenta e tantos medicos, quatro boticarios e um barbeiro! E a presidencia da Republica? Após a renuncia do infeliz Arriaga, a magistratura superior do pais é dada a um brazileiro naturalisado português, monarquico-fontista e ministro de um gabinete de Hintze Ribeiro, de par com João Franco!

Era, para chegar a este quadro de indigencia moral, que nós, os propagandistas, incitávamos o Povo a que se levantasse contra a reáleza? V. bem vê. As Republicas só se manteem pela virtude. Lá o diz o velho Montesquieu. Onde está essa virtude? Bruto e Iago que respondam.

Diz-me, por ultimo, v. que eu assim desiludido e com a treva dentro da alma, devia permanecer no meu posto prégando a confiança nos homens de quem descri.

Jámais!

Isso seria mentir a mim mesmo. E se a mentira é um acto miseravel quando se exerce para com o proximo, quando se perpetra contra nós mesmos é uma infamia.

Exorta-me v., no final da sua carta, a que não deixe de ser republicano. Descance v.: eu jámais deixarei de ser republicano. Jámais. Na minha edade e com o conhecimento que tenho dos homens, não se renaga um ideal a que estão vinculados os mais formosos dias da juventude. Mas isto, com uma diferença: é que serei republicano, como sou kantista. E' uma categoria de pura mentalidade. Na praça, no jornal, no convivio dos homens sou, como valor, *nada*; como cidadão, *ninguem*.

E, apresentando a v., mais uma vez, os protestos da minha subida consideração e os extremos do meu reconhecimento, subscrevo-me

De v.,

criado e admirador reverente

José Caldas

A'parte a alusão feita ao sr. dr. Bernardino Machado que nem por haver sido monarquico deixa de ser considerado entre a familia republicana como uma das suas figuras mais prestigiosas devido a ter-se filiado muito antes do advento da Republica e á causa da Democracia ter prestado relevantissimos serviços, áparte esse facto, repetimos, José Caldas, que é um republicano de principios e de invulgar cultura intelectual, justifica plenamente o seu gesto e—deixem-nos dizer—achamos-lhe carradas de razão.

Gente limpa, politicos honestos, de que vale manterem-se nos seus antigos postos se a avalanche dos arrivistas, dos aventureiros, dos sabujos é incomparavelmente maior e tudo tem pervertido a ponto de ninguem se entender no meio da barafunda que aí vai?

Como é desolador o triste quadro, ao desenrolar do qual tantos dos velhos pioneiros da Republica, tantos dos que lhe déram alma, sangue, vida, assistem de olhos marejados de lagrimas!

O UNIFORME DO PRESIDENTE

O *Diario do Govêrno*, de terça-feira, inseriu o seguinte decreto:

Não estando previsto na legislação vigente qual deve ser o uniforme do presidente da Republica, e tornando-se necessario estabelecer esse uniforme, hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º—O uniforme do presidente da Republica será o que se acha estabelecido para os oficiaes generaes, tendo como distintivo estrelas de ouro do padrão da figura 21.ª do plano dos uniformes para o exercito de 1911, dispostas pela fórma seguinte:

No casaco: seis estrelas no canhão, acima do silvado, formando triangulo, e três sobrepostas, aos lados da gola, colocadas horisontalmente em cada lado; nas dragonas, três estrelas como é indicado na figura 135.ª do mesmo plano; no dolman de campanha, seis estrelas, horisontalmente, nos canhões, em triangulo; na pelissa: seis estrelas nos canhões, acima dos galões, em triangulo; no capote da capa, tres estrelas pela fórma indicada na figura 109.ª do mesmo plano; no barrete, uma estrela. Esporas e botões dourados.

Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Assim encadernado, com tantas estrelas, o sr. dr. Sidonio Paes até ha-de parecer... um céo aberto.

O lugre ALTAIR

Milhares de pessoas assistem, no estaleiro da Gafanha, ao seu lançamento á agua

No ultimo domingo, como fôra anunciado, foi lançado á agua, na Gafanha, o novo lugre *Altair* de cêrca de 500 toneladas, propriedade da empresa de pesca *Bôa Esperança*, de que é gerente o nosso amigo e conterraneo Antonio Maximo Junior.

Convidados a assistir ao magnifico espectaculo, tomámos logar num dos barcos que amavelmente foram postos pela emprêsa á disposição dos seus convidados.

O dia estava lindo, sol quente, pondo chamas brilhantes e sucessivas no leito da ria, havendo uma brisa fresca que nos levou rapidamente ao ponto onde a nova embarcação, aparelhada e pronta, com os seus tres mastros embandeirados, parecia ansiosa pelo momento em que deveria balouçar-se á superficie das aguas.

Uma multidão enorme cêrca o local e pelas estradas é numerosissima a quantidade de gente que converge, numa constante romagem, ao sitio onde se deverá efectuar o ultimo trabalho dos construtores.

Em toda a extensão da ria, dezenas de vélas dão-nos a impressão dum grande bando de aves que, em fatigante disputa, pretendem alcançar o primeiro logar na vanguarda.

São embarcações de todas as grandezas que conduzem ainda centenas de espectadores que procuram não perder nada do que vai realisar-se. Afadigado com o trabalho e atenção que a faina exige, Antonio Maximo não deixa por isso de receber, amavel e graciosamente, aqueles que nos intervalos da sua tarefa dele se aproximam.

Milhares de pessoas se agitam, esperando o momento final, numa nervosidade que não pódem esconder.

Os visitantes ao navio são inumeros, mas a hora aproxima-se e é preciso que eles desembarquem. Assim fazem.

As musicas executam o programa e dá-se inicio aos preparativos para o bota abaixo.

Vão sendo retiradas as escóras, cortadas outras, untada abundantemente a calha e aos ultimos retoques a multidão, olhos fitos no barco, aguarda o momento decisivo.

Ao ilustre tenente aviador da marinha francêsa, Mr. Pierrefeu, é entregue o machado com que hade cortar o cabo. A um sinal convencionado, este é decepado dum só golpe e o barco, deslisando, principia serenamente o seu caminho.

E' o momento. No meio dum silencio profundo, a multidão descobre-se. Ha comoção estranha, uma sentimentalidade desconhecida que avassala os corações.

Todos os olhos, reflexos de tanta alma ali reunida, numa fixidez anciosa, numa imobilidade que confrange, pousam no *Altair* que, elegante e esbelto, corre para a agua, como a noiva para os braços do seu amor!

Maravilhoso quadro, comovente espectaculo!

E quando o novo lugre se balouça, livre, na ria, como um cisne que, enebriante, numa vertigem de prazer, se espaneja, sequioso, na agua, a multidão irrompe numa grandiosa manifestação de regosijo, quente, vibrante, interminavel. As palmas atroam, os vivas erguem-se estrepitosos, as musicas ferem as notas dos hinos festivos, no ar centenas de foguetes rebentam e em muitos, muitos olhos, aparecem lagrimas de comoção, lagrimas de alegria!

E' porque aquele momento, para a felicidade do qual tantos factores concorrem, póde ser de

vida ou de morte: ou o triunfo ou a ruina!

E assim, nenhum coração assiste indiferente, alheiado e frio a um acontecimento dosta naturêsa.

O *Altair*, dando a prôa ao vento, fica ao comprido com a ria, mostrando o flanco pela amura de bombordo, o que nos permite observar a sua linha de agua bem talhada, que todos admiram tambem, tecendo os maiores elogios aos seus habeis constructores, dentre os quaes destacaremos o principal—Manuel Maria Monica.

A grande mole de gente principia a deslocar-se e tem então logar o fino e abundante *copo d'agua* com que a emprêsa festeja, acompanhada dos seus numerosos convidados, o feliz acontecimento.

Ao *champagne* inicia os brindes o sr. capitão do porto de Aveiro, Rocha e Cunha, que bebe pelas prosperidades da emprêsa e do novo barco.

Agradece Maximo Junior, bebendo pela marinha francêsa, da qual está presente um dos seus distintos ornamentos.

Responde Mr. Pierrefeu que, agradecendo a amabilidade, faz votos pela felicidade futura da emprêsa.

Segue-se Alberto Souto, que discursa com calor, recordando as glorias passadas da nossa epopeia maritima, congratulando-se por ali vêr um marinheiro francês, o que significa o mutuo esforço dos dois povos na conquista do triunfo nesta hora de amarissimas provações. Engrandece a acção de Maximo Junior na emprêsa que acabava de vêr a realisação duma das suas tentativas e faz votos tambem para que elas continuem coroadas de exito igual áquele conseguido em tão ditoso dia.

Fala a seguir o sr. padre Caçoilo, que declara estar satisfeito com as conquistas da nova emprêsa, apontando quadros e épocas da nossa historia naval.

Maximo Junior diz ainda que não quer deixar de beber pela marinha portuguêsa, dignamente representada ali pelo ilustre capitão do porto.

Por sua vez este oficial bebe pela marinha mercante portuguêsa, fazendo o elogio e apreciando o valor do marinheiro em geral.

Pouco depois retiram-se os convivas, agradecendo cada um de per si a extrema gentilêsa de Maximo Junior, que não esconde a sua justificada satisfação ante o modo como viu coroado de exito outro dos seus muitos e constantes emprehendimentos.

O *Altair* lá ficou, sereno e magestoso, prêso á sua ancora, esperando a hora em que hade aproar á barra e sentir então o marulhar das ondas que o hão-de oscular, e oxalá tão ternamente como os beijos de mãe amiga e protectora.

OBRAS MUNICIPAES

Vão bastante adiantados já os trabalhos de demolição dos predios para alargamento do local denominado as Cinco Ruas e que depois de concluidos devem tornar aquele ponto central mais desafogado e higienico, portanto.

No bairro da Apresentação tambem proseguem as obras para a sua conclusão, estando ligado por umas poucas de ruas largas á Beira-Mar, o que encurta muitissimo o acésso a esta parte da cidade, onde a população é bastante densa.

Aos que assim concorrem para o progresso da terra a que tanto queremos, desejando-a vêr comparada ás mais lindas de Portugal, os nossos louvores.

CRISE DE TRANSPORTES

—(*)—

Construamos barcos e vagons

A facilidade de transportes é a solução da crise alimentar

A crise alimentar que todos os países sofrem e a que Portugal não podia livrar-se, provêm, não apenas do enfranquecimento da produção, mas, em grande parte, talvez mesmo na sua maxima parte, da falta de transportes. E' já axiomatico dizer-se que resolvida a questão dos transportes está resolvida a crise das subsistencias. Mas a resolução da crise de transportes é mais complexa do que á primeira vista parece e não depende apenas da intensificação de construção de barcos ou vagons, mas, e a questão deve merecer sério estudo, da aplicação desse material. A má utilisação do pouco material existente póde refletir-se no aproveitamento do que venha a construir-se refletindo-se por egual, no agravamento da crise de abastecimento. Para desenvolvermos a nossa riqueza agricola necessitamos primeiro de transportar adubos e depois de transportar a produção. O mesmo quanto a todas as outras riquezas que precisamos desenvolver, para que esse desenvolvimento se reflita no bem estar geral. Estes são, por alto, alguns dos aspectos da questão. Como obviar a tantas faltas? Construindo mais vagons, construindo mais barcos e dando-lhe depois uma aplicação mais racional e mais produtiva do que até aqui temos dado ao pouco que possuimos, mal de que não sômos os unicos a informar, pois ainda ha pouco o deputado francez Rouzie se queixava nestes termos contra não só a falta como contra a má aplicação dos meios de transporte:

Faltarão os adubos? O nitrato não falta, mas não se transporta; os fosfatos abundam em França, na Algeria e na Tunisia, mas não se transportam; as escorias de defosforação produzem-se na quantidade relativa ao grande desenvolvimento que tem tido a industria metalurgica, devendo, por isso, abundar, mas tambem se não transportam.

Este justificado queixume póde e deve aplicar-se egualmente ao nosso país, pois estâmos em identicas condições.

Ainda ha pouco o sr. Ministro das Subsistencias se viu na necessidade de reformar os serviços dos caminhos de ferro do Estado, tendo especialmente em vista não se demorarem os vagons nas estações nem serem retidos em linhas de outras companhias, pois sucedia que tendo esses vagons de transitar por outras linhas que não são as do Estado, as companhias proprietarias dessas linhas os retinham quasi infinitamente, chegando a pô-los ao seu serviço como vagons de deposito! Compreende-se que, com semelhante critério, todo o material circulante se torna insuficiente e até inutil. Felizmente que ele não prevalecerá e assim o que patrioticamente devemos fazer é desenvolver não só a construcção de vagons para os caminhos de ferro, como a de barcos, não só para a navegação fluvial e costeira, como para a de longo curso.

Uma aplicação criteriosa de determinadas oficinas permitiria dar aos caminhos de ferro o material circulante de que eles tanto carecem, sem afectar a produção de outros meios de transporte a que presentemente se dedicam. Quanto ás construções navais, é consolador constatarmos que os estaleiros portuguêses se estão desenvolvendo e que o capital acorre com confiança para o desenvolvimento da nossa marinha mercante. Mas as necessidades são sempre crescentes, a luta económica que se seguir á guerra vai ser tremenda e uma nação que não esteja para ela apetrechada, é uma nação liquidada. Por isso se torna prudente alargarmos ainda mais a capacidade produtora dos nossos estaleiros, para que mais e melhor produzam, pois que sendo Portugal um país tributario da importação, só poderá ter garantido o abastecimento das materias essenciais, se dispozer de uma frota mercante que as vá buscar ás suas origens. E' uma dupla fórma de desenvolvermos as nossas riquezas, pois com o transporte assegurado mais facilmente serão procurados os nossos produtos de exportação.

N. do C.

Um caso gràve

Recortâmos do penultimo numero do nosso coléga de Oliveira de Azemeis, *A Opinião*:

Pediu a sua exoneração de subdelegado de saude e simultaneamente de facultativo municipal, cargos que neste concelho vinha exercendo com muito zêlo, reconhecida competencia e geral agrado, o sr. dr. José Lopes de Oliveira.

Foi levado a isso, segundo nos informam, pelo procedimento, talvez propositado, do sr. Delegado de Saude deste distrito, que não viu com bons olhos a sua nomeação para aquele lugar.

Tal facto representa um gràve prejuizo para os povos desta localidade, que culpa não teem da tanto odiosa politica quanto odioenta alma de quem parece querer fazê-la com este caso que, pela sua gravidade, deveria estar acima de todas as vis paixões.

Do contrário, uma vez aceite o pedido da exoneração e assim inutilizados os serviços do distinto clinico a muitos dos deserdados da sorte, ficam estes sujeitos a morrer sem assistencia medica, a propagarem o tifo e outras molestias, sem haver quem oficialmente vele pela saude publica!

Lamentando o sucedido, pedimos que as devidas providencias se não façam esperar.

Quando o *Democrata* da semana passada estava já concluido, recebemos tambem uma carta em que transparece o alarme provacado no meio oliveirense pela resolução do nosso querido amigo e um dos primeiros intelectuaes daquèla terra, medico dos mais distintos, caracter impoluto e ardente republicano, mas como outros detalhes ainda não tenham chegado que nos habilitem a tratarmos desenvolvidamente do assunto, resolvemos aguarda-los, conscios de que hão-de vir a conhecer-se, em toda a sua latitude, os motivos, a origem do conflito latente e que motivou o abandono, por parte do dr. Lopes de Oliveira, dos logares que tão proficientemente vinha desempenhando no seu concelho a contento da população inteira.

A *Opinião* já levanta um pouco o véu. Não é, porêm, tudo se se atender á maneira como costumam ser tratados pelo sr. Delegado de Saude, que é tambem *homem politico, politico republicano e republicano democratico*, todos aqueles que teem a hombridade de o não bajularem, embora cumpram com os seus deveres.

O *Licôr Patria*, prova-se primeiro, toma-se a seguir e usa-se depois. E' o que tem sucedido a quem adquire uma garrafa inicial na *Casa Costas*, da Quinta Nova, Oliveira do Bairro, onde se fabrica.

Não falha.

Cobrança

Aos nossos presados assinantes de

Lisboa
Oliveira de Azemeis
S. João da Madeira
Palhaça
Entroncamento
Setubal
Vila Rial de Santo Antonio
Ribafeita
Vila Nova de Gaia
Mafra
Abrantes

e outras localidades circunvisinhas para quem foram expedidos pelo correio os recibos correspondentes ás suas assinaturas, vimos pedir a finêsa do seu bom acolhimento, olhando a que o contrario não só duplica o trabalho da administração como a obriga a despêsas superfluas que se torna necessario evitar neste momento em que o papel, subindo a um preço que absorve quasi toda a receita do jornal, nos obriga aos maximos sacrificios para correspondermos á estima publica.

A'queles que expontaneamente se teem dignado enviar a suas anuidades, os nossos agradecimentos pelo auxilio que isso representa já ao *Democrata*, hoje a braços, como todos os colégas que não vivem de expedientes nem aumentaram o preço da assinatura, com a maior crise de toda a sua existência.

* * *

Egual pedido dirigimos aos assinantes de Aveiro certos de que, como sempre, satisfarão de pronto os seus recibos logo que lhes sejam apresentados pelo habitual cobrador.

AS TROPAS PORTUGUEZAS

Está sendo justa e amargamente comentada a falta absoluta de informações oficiaes referentes á situação das nossas forças em França.

Aquelas que por via do ministério da guerra são transmitidas aos jornaes, tem sido, todavía, adqueridas pelas familias dos que lá estão, que particularmente instam por elas, pagando-as do seu bolso.

Derramam-se, em muitos lares, amarissimas lagrimas, que a ignorancia do que se passa mais agrava e avoluma.

Seria de todo o ponto humano que se declarasse o passado, trazendo a publico o destino de quantos lá se encontram—vivos ou mortos.

A duvida é, neste caso, bem mais cruel que o conhecimento da verdade, por peor que ele seja.

AUDIENCIAS GERAES

Foram julgados:

No dia 27 de Abril, Manuel Rodrigues Branco, de Sarrazola, acusado de homicidio voluntario.

Defendeu-o o sr. dr. Jaime Duarte Silva, sendo absolvido.

No dia 30, Julio Francisco Caniço, da Povoa de Valado, por agressão.

Defensor dr. André dos Reis, saindo absolvido.

Dia 1 de Maio, Neftali Duarte, de Aveiro, por furto.

Defensor dr. Antonio Emilio. Condenado em sete mêses de prisão e 35 dias de multa a 10 centávos.

A grande batalha

Duma entrevista que o capitão do nosso exercito, no *front*, Vasco de Carvalho teve com um jornalista francês, reproduzimos o que se segue:

. . . .

Temos pormenores do que se passou nas horas sangrentas e gloriosas de 9 de abril, em que a coragem, abnegação e espirito de sacrificio dos nossos compatriotas suportaram assaltos de rara violencia, executados por forças oito vezes superiores em numero e com material desproporcionado, para impedirem a rutura da frente e para manterem o contacto com os aliados até á chegada de reforços.

As tropas portuguêsas ocupavam um sector de aproximadamente 11 quilometros, que partia de Givenchy, ao norte do canal de La Bassée, até aos arredores de Laventie.

A divisão de linha que estava nas trincheiras, ha mais dum ano, encontrava-se ligeiramente fatigada.

No dia do ataque devia ser substituida para ir repousar á rectaguarda. O ataque foi desencadeado no dia 9, ás 4 e 10 da manhã, precedido de um formidavel bombardeamento. O fogo de barragem intenso foi executado por tres modos contra a primeira linha por meio de peças ligeiras, contra a segunda por peças médias, e contra terceira e a rectaguarda por peças de grosso calibre com o fim de impedir a ligação com a estrada de Bethune a Lestrem e Estaires, e proibír a chsgada de reforços.

O ataque envolvente, combinado com ataques de frente, foi tentado no ponto de contacto do sector português e da divisão inglêsa, estabelecida ao norte e á esquerda do sector de Fleurbaix, onde as linhas portuguêsas foram apanhadas de flanco. A mesma tactica foi seguida pelo adversario á direita, embora com menos intensidade. Todavia, esta não deu resultado algum, sobre tudo por causa da valentia e tenacidade incomparaveis com que a divisão inglêsa, que defendia o sector de Givenchy, resistiu ao impulso do inimigo.

O ataque de frente desenvolveu-se na seguinte direcção: estrada de La Bassée-Estaires, atravessando perpendicularmente todo o sector. Os batalhões portuguêses, depois de forçada a primeira linha e submersa por uma onda de assaltantes e por uma avalanche de granadas, defenderam heroicamen-

, até á ultima extremidade, a egunda linha. A sua magnifica esistencia ficou provada. Os soleados estavam como que pregados ao sólo que deviam defender.

Os portuguêses tinham sofrido o choque de quatro divisões alemãs de assalto e de quatro de apoio, isto é, oito contra tropas fatigadas.

Só depois de seis horas de batalha é que o inimigo conseguiu apoderar-se e ocupar a segunda linha, e depois de nove horas é que teve a possibilidade de assaltar a terceira linha def-ndida por reservas.

A terceira linha manteve-so até á chegada de mais tropas alemãs, mas conseguiu escapar á destruição.

Os actos de bravura e heroismo repetiram-se e é impossivel citar todas as suas inauditas passagens. Todas as unidades de artilheria fizeram fogo até terem gasto o ultimo projectil. Uma delas, a da extrema esquerda, foi ataçada á baioneta, emquanto continuava a sacrificar-se disparando sempre para proteger a infanteria.

Entre as tropas de infanteria, o 8.º e 10.º regimentos infligiram perdas consideraveis ao inimigo. O 13.º e 15.º defenderam a pequena aldeia de La Conture.

Algumas companhias do 15 de infanteria lutaram ainda, depois das horas formidaveis dos combates de 9 a 14 de abril, até que o comandante inglês formalmente lhes ordenou que voltassem á rectaguarda. Todo o regimento de infanteria 15 foi especialmente citado pelo comando britanico. Foi aquele mesmo que acompanhou o sr. Machado Santos no movimento revolucionario de 13 de dezembro de 1916, precursor da revolução de 5 de dezembro de 1917.

Se os alemães conseguiram um exito parcial, de resto sem realizarem os objectivos principais, foi porque lançaram a ofensiva com grandes massas humanas apoiadas por material numeroso e de uma potencia extraordinaria, e consentiram em sacrificios infernais das suas melhores unidades, que sofreram muitas perdas, e porque os seus inimigos estavam de certa modo esgotados por uma custoso resistencia.

Os aliados, indissoluvelmente unidos para a defêsa do territorio, simbolo da liberdade, devem agora respirar, repousar e reorganisar a sua força, porque mesmo o ultimo esforço ordena uma tregua. O inimigo prepara indubitavelmente um novo impulso que os aliados esperam confiadamente. Em toda a parte, eles estão prontos para uma vigorosa replica. O seu numero, valentia e decisão de manter a todo o custo posições consideradas importantes, são penhor certo de que não enfraquecerão e quebrarão a onda prevista.

CORRESPONDENCIAS

Costa de Valado, 1

Decorreram placidamente, sem incidentes e portanto destituidas de entusiasmo, as eleições do dia 28 quer nesta freguezia— Oliveirinha —quer na assembleia da Povoa, onde, apezar do trabalho dos velhos caciques monarquicos, o numero de eleitores não foi tão elevado como se supunha.

E está dito tudo visto o proposito em que estamos de abstraír quanto possivel a politica destas despretenciosas correspondencias.

=Precisamente á hora de lançarmos ao correio a nossa carta da semana passada dava-se nas Quintans uma triste fatalidade que arrancou a vida a uma pobre velhota, amiga da pinga, a qual, chegando a casa de regresso da taberna, têve a desdita de caír sobre o lume, recebendo taes queimaduras que poucas horas sobreviveu ao horrivel desastre.

Era natural de Salgueiro.

=Além da esposa do sr. João Tomaz Vieira, tambem se encontram bastante doentes na Oliveirinha uma filha da sr.ª D. Francelina Madail e a esposa do sr. João de Oliveira Junior, que sabemos ser um dedicado amigo de *O Democrata*.

Todos estão entregues aos cuidados clinicos do sr. dr. Abilio Marques, que tem sido incansavel em prodigalisar-lhes o necessario para a sua rapida cura.

=Foi ontem julgado e absolvido no tribunal de Aveiro o Julio Caniço, da Povoa de Valado, que algum tempo acompanhou, andando com ele a monte, o suposto autor da morte de David Coutinho, de nome José Lopes.

Era acusado de ter feito fogo sobre um guarda civico, atingindo-o, o que não se provou.

C.

Alquerubim, 28

Terminou o acto eleitoral. Foram negadas certidões pelas quais se queria saber a verdade da eleição. Essas certidões, que a lei manda passar aos eleitores que as requisitem, foram recusadas pela meza. Diz-se que o resultado apurado pela meza deu 400 listas, quando a verdade é que só foram contadas 126 por alguns eleitores, que o afirmam. Foi, portanto, o snr. Sidonio Pais eleito nesta freguezia por 126 votos e não por 400! E' esta a verdade. E isto póde ser afirmado pelo sr. Antonio Constantino de Brito, que fazia parte da meza, composta de monarquicos, sendo ele um acirrado democratico.

As descargas para completar os quatrocentos votos, foram feitas particularmente, riscando-se nomes de eleitores, que ali não foram, outros que estão em França e até mortos!!! Os editais com o resultado final não foram afixados. A maior concorrencia foi de analfabetos, que andavam todos contentes por serem votantes.

C.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . . 6 centavos
Comunicados . . . 4 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Exames de admissão ás Escolas Normais

Reabriu no principio de Dezembro este antigo curso, dirigido pelo professor Rodrigues Pepino.

Aveiro, rua do Arco, 6.